Mehinaku: entre encenação e estrutura

ALCIDA RITA RAMOS

Não há dúvida que a monografia de Thomas Gregor sobre os Mehinaku, grupo xinguano (*Mehinaku. The Drama of Daily Life in a Brazilian Indian Village*. The University of Chicago Press, 1977, 382 p.), vem enriquecer a literatura antropológica em geral, para não falar na etnografia indígena brasileira. Seu caráter inovador tem o mérito de prender a atenção do leitor e de apontar para certas facetas da vida social que não são normalmente exploradas pelos antropólogos.

Os 21 capítulos do livro estão agrupados em quatro partes, a saber: parte 1 consiste na definição teórica do trabalho, quando o autor justifica a sua escolha da abordagem dramatúrgica, segundo Goffman, e aponta as vantagens e os perigos que ela apresenta para o etnólogo. Também nesta parte é descrita a situação geográfica dos Mehinaku *vis-à-vis* as demais tribos xinguanas e a sociedade nacional. Nas partes 2 e 3 são apresentados vários temas: o cenário social, com a descrição da aldeia e adjacências; o conhecimento que têm os Mehinaku sobre eles próprios e o universo; os canais de comunicação, isto é, notícias, mexerico, boatos, etc., que afetam essencialmente a definição de duas áreas de interação: o público e o privado; ética e etiqueta, sua observância e transgressão, resultando no que poderíamos chamar de "tipos sociais" — o homem bom e o homem mau, o rico e o pobre, o requestado e o preterido, o honrado e o bruxo. Parte 4 cobre um campo que é mais tradicional da etnologia: parentesco, identidade tribal e religião. O último capítulo, com seu tom de *punch-line*, descreve a reação dos nativos aos trabalhos da equipe cinematográfica que o Autor levou à aldeia em sua última viagem ao Xingu. O propósito dessa descrição é mostrar a propensão que têm os Mehinaku para encenar sua própria

vida social, o que provou ser extremamente conveniente para a realização do filme planejado sobre "papéis dos sexos" (p. 353). Com isso, o Autor retorna ao tema principal do livro, que é mostrar como a analogia teatral pode ser aplicada positivamente a uma sociedade primitiva e, portanto, deve ser adotada por maior número de antropólogos.

Fica evidente, pela leitura de *Mehinaku*, que a abordagem dramatúrgica tem seus méritos incontestáveis. Por exemplo, tem a capacidade de expor ângulos da vida social que são, por uma razão ou por outra, geralmente ignorados, demonstrando, assim, a importância dos mesmos para a compreensão do sistema social em estudo. Concomitantemente, ao focalizar os atores de uma situação social, ela procura apreender o ponto de vista e interpretação desses atores sobre as suas ações e as conseqüências destas. Acredito que graças à feliz escolha dessa abordagem é que as partes 2 e 3, em particular, oferecem uma leitura tão estimulante: a apresentação detalhada, mas extremamente compreensiva, da disposição das casas e dos caminhos da aldeia, da utilização das áreas públicas e das áreas restritas — palco e bastidores — na vida cotidiana, a importância da aparência pessoal — traje e *maquillage* — em si mesma veículo de informação social; a noção de tempo e de espaço, o significado de cumprimentos, despedidas, sinais de alarme e outras formas estereotipadas de expressão; ações abertas e ações clandestinas, a transmissão de informações, tanto por canais oficiais, como por meios menos formais e até escusos. Tudo isso enriquece enormemente a descrição desse grupo indígena que, dessa maneira, toma vida e se torna quase tangível.

Porém, e sem diminuir em absoluto o valor desses traços positivos no livro de Gregor, gostaria de discorrer sobre certos aspectos da sua análise que me causaram algum descontentamento. Em primiero lugar, está a questão da separação entre domínio público e domínio privado. Embora a existência desses domínios seja estabelecida pela análise perspicaz do Autor, gostaria de sugerir uma possível maneira de elaborar o problema da privacidade. Tenho a impressão de que existem realmente dois tipos de situação de privacidade: uma, institucionalizada e a outra, não institucionalizada. Entre os Mehinaku, a primeira ocorreria nos compartimentos familiares (em torno da fogueira ou nos fundos da casa) e a segunda, em outros locais da aldeia e suas imediações. Enquanto no primeiro caso a privacidade da família é protegida por sanções que condenam quem a transgredir, nas clareiras da mata ou em outros

locais mais ou menos escondidos, obter privacidade é uma questão de *chance;* por exemplo, um casal de amantes tem sorte de se encontrar a sós e ninguém aparecer por perto. Mas quem quer que surja em cena, interrompendo o seu isolamento, não parece sofrer qualquer penalidade ou crítica. Por isso, acho que talvez fosse útil a distinção entre privacidade institucionalizada e privacidade não institucionalizada, tanto no sentido de enriquecer a análise, como de debelar certas ambigüidades que aparecem no texto.

Em segundo lugar, a explicação que Gregor procura dar para o fenômeno da reclusão Mehinaku desperta também um certo desconforto. Tomando como dada a necessidade, considerada universal, de um certo grau de isolamento por parte dos indivíduos, em relação aos demais membros de sua sociedade, o Autor se reporta à premissa de que

> engajamento constante tem o efeito de destituir o eu (*deselfing*) e é uma possível ameaça à diferenciação do ego. Estar psicologicamente consciente do próprio ego como uma entidade *sui generis* requer certos meios de separação social (p. 211).

Dentre esses meios, está o costume da reclusão que, afetando ambos os sexos, pode durar de um mês a três anos. O desconforto a que me refiro está no fato de que o Autor apela para psicologismos, quando poderia, de maneira mais apropriada, lançar mão do ponto de vista sociológico, numa tentativa de entender o sentido que essa instituição tem no seu contexto social. A dúvida que surge é justamente sobre a validade da premissa de que é necessário haver desengajamento social por parte dos membros de uma sociedade, a ponto de levar os indivíduos a, voluntária ou involuntariamente, se verem isolados do fluxo de interação social. Considerando que uma das qualidades mais apreciadas entre os Mehinaku é a sociabilidade, não fica claro por que o isolamento seria para eles uma necessidade psicológica.

Mais central à análise de Gregor, está a questão do "distanciamento de papéis". Para Goffman, que elaborou esse conceito, um indivíduo pode atuar de maneira diversa daquela que define o seu papel de modo que, assim fazendo, ele esteja contribuindo para o "sucesso" da interação em que está envolvido. É o caso do cirurgião-chefe que, apesar da autoridade de que está investido enquanto na sala de operações, prefere abandonar quaisquer sinais dessa autoridade e se tornar brincalhão e chauvinista, se tal comportamento for necessário para induzir um desempenho descontraído e

calmo por parte de seus assistentes, para dessa maneira aumentar as chances de a operação ser bem sucedida.

Da maneira como Gregor utiliza a expressão distanciamento de papéis não me parece ser exatamente o que Goffman quis dizer originalmente. Senão, vejamos:

> Um papel é visto como a relação que uma pessoa tem para com uma habilidade, um bem ou um ser sobrenatural. A pessoa não está subjugada à sua posição social, pois deve haver um homem para se relacionar com o espírito, o objeto ou a habilidade. Os Mehinaku com isso sugerem que os homens são diferentes e separados dos papéis que desempenham, que por trás de cada máscara social há um homem (p. 251).

Ou ainda: Os Mehinaku podem se distanciar de seus papéis, avaliando-os de acordo com seu interesse próprio" (p. 259). Essas afirmações, se por um lado indicam que o Autor diverge da conceitualização que Goffman faz de distanciamento de papel, por outro lado, levantam o delicado problema do interesse analítico dos Mehinaku em desassociar pessoa de papel. Por ser uma questão altamente complexa, seria necessário que Gregor nos fornecesse elementos concretos que demonstrassem a maneira como ocorre esse processo analítico entre os índios. Infelizmente, não nos é dada a oportunidade de verificar se realmente os Mehinaku se preocupam em separar o indivíduo de seus papéis. A questão se torna de fato ambígua com a seguinte passagem:

> A maneira como os Mehinaku apreciam ou criticam seus companheiros fornece mais subsídios para entendermos a visão que têm de relações sociais. Poderiam ver-se uns aos outros principalmente como recipientes de status específicos: uma mulher poderia ser boa esposa ou mãe responsável; um homem poderia ser condenado por ser mau pai, genro preguiçoso, ou chefe miserável. E é verdade que tais comentários são muitas vezes ouvidos entre os Mehinaku, mas talvez não com tanta freqüência quanto um outro tipo de avaliação que ignora o ator social e vê a pessoa como indivíduo. Um homem é criticado por ser zangado, amargo, avarento, mexeriqueiro, maldoso ou anti-social. Ou ele pode ser apreciado por sua generosidade, seu controle emocional, ou sua sociabilidade (p. 252).

Com estas últimas afirmações, parece que o Autor está, até certo ponto, contradizendo a sua posição anterior de que "os homens são diferentes e separados dos papéis que desempenham" (p. 251). Enquanto essa separação existe incontestavelmente no contexto teatral, tal não acontece normalmente no dia a dia da vida real. Vi-

mos na citação acima que os Mehinaku avaliam e julgam seus companheiros e tudo indica que essa avaliação e esse julgamento são baseados no modo particular como eles ativam seus vários papéis. Um homem é taxado de mexeriqueiro como resultado de certos atos seus, enquanto pessoa. Não há indicação nos dados apresentados de que os Mehinaku dissequem a qualidade de desempenho dos vários papéis dessa pessoa, antes de decidirem taxá-lo de mexeriqueiro.

As informações e discussões específicas sobre papéis sociais estão concentradas essencialmente em cinco capítulos. De especial interesse é aquele intitulado "Retratos de ego", principalmente no que se refere a "identidades deterioradas", isto é, categorias de indivíduos que sofrem críticas e discriminação constantes por parte de seus companheiros. Igualmente interessantes são os dois capítulos sobre relações de parentesco, onde vemos como a noção de "mensuração" de relações define e redefine quem é ou não parente (ser muito ou pouco cunhado, por exemplo). Embora o Autor não siga os procedimentos tradicionais de uma análise de parentesco exaustivamente e, talvez por isso, deixe algumas perguntas sem resposta, a originalidade da sua apresentação compensa as lacunas que ficam.

Menos feliz é a exposição dos dois capítulos restantes: "O conceito Mehinaku de papéis sociais" e "Ser Mehinaku". No primeiro destes, onde o leitor esperaria encontrar o suporte empírico à da análise do Autor, este faz apenas uma apresentação suscinta de alguns vocábulos nativos que indicam relações de posse, proximidade social e conceitos correlatos, fala da maleabilidade no estabelecimento e quebra de relações, relata o mito da reversão de papéis sexuais, descreve o processo de nominação e compara a situação Mehinaku com outros exemplos etnográficos. É para mim decepcionante constatar que neste capítulo, onde deveria emergir o fundamento empírico de sua análise, o Autor perde essa oportunidade, o que causa surpresa. Porém, nem neste, nem em outros capítulos encontramos tal fundamentação. Seria extremamente útil ter-se aqui uma apresentação explícita de dados, por exemplo, em forma de casos, como encontramos mais tarde no relato tão instrutivo da criação de um novo espírito (p. 326-30). Igualmente desejável seria termos uma descrição adequada da maioria dos papéis tratados no livro: por exemplo, os de marido, esposa, chefe, pescador, etc. Um outro ponto frustrante neste capítulo é a própria utilização da abordagem dramatúrgica. Uma vez que a proposição do Autor é de "apresentar a cultura Mehinaku de um ponto de vista teórico definido, a análise do local, da encenação e do script da vida social Mehinaku"

(p. 3), seria de esperar que o modelo teatral fosse aplicado aqui em toda sua força, pela demonstração de casos em que, por exemplo, indivíduos manipulam seus papéis, em que utilizam os bastidores para "deliberar" o que deve ou não ser apresentado no palco a uma dada platéia, enfim, tirar proveito da abordagem dramatúrgica, naquilo que ela contribui para o enriquecimento da descrição e análise dos papéis Mehinaku.

No segundo desses capítulos, "Ser Mehinaku", o tratamento dado por Gregor à questão da identidade social e identidade tribal apresenta, a meu ver, dificuldades semelhantes. Embora o Autor tenha decifrado com sucesso alguns componentes importantes que formam a identidade Mehinaku (falar a língua sem sotaque, ser filho de pais Mehinaku), por sua vez, as nuances, variações e manipulações por ele mencionadas (ser muito ou pouco Mehinaku, ou Waurá, ou Kamayurá) poderiam ter merecido maior destaque. Por exemplo, é difícil saber-se exatamente o que leva uma pessoa ou grupo de pessoas a decidir por uma ou outra alternativa, optar por esta ou aquela manipulação. Considerando a quantidade de casamento inter-tribais (35%), seria muito útil analisar a maneira como isso afeta a identidade social/tribal dos descendentes de tais casamentos. Por sua vez, o tratamento que o Autor dá ao assunto de relações inter-tribais, ocupando apenas dois parágrafos, é pouco informativo.

Poderia essa deficiência na análise de identidade social/tribal ser atribuida às limitações da abordagem dramatúrgica, ou a um descuido do etnólogo? Aventuro-me a sugerir que talvez ela seja devida à combinação de ambos. Se, por um lado, acredito que o modelo teatral, sozinho, não dá conta de todos os aspectos relevantes envolvidos numa situação inter-tribal, com suas repercussões na emergência de identidades sociais distintas, por outro lado, sinto que Gregor poderia tê-la utilizado em maior profundidade, a exemplo do que foi conseguido por Berreman em seu estudo de uma sociedade de castas nos Himalaias, intitulado *Behind Many Masks* (não mencionado por Gregor, o que é estranho).

Inspirado pela grande flexibilidade e criatividade que encontrou no sistema de relações Mehinaku, Gregor optou por focalizar o seu estudo no "desempenho", e não na "estrutura" (p. 360), talvez como reação ao seu descontentamento com a falta de interesse dos antropólogos em estudar o indivíduo:

> Ocasionalmente na literatura antropológica, encontra-se uma inclinação em direção ao indivíduo — cita Barnett, 1953 —, mas a menos que a perspectiva da pesquisa seja explicitamente psicológica, o indivíduo é pouco encontrado (p. 319-20).

Em defesa da classe, gostaria de apontar para o fato de que antropólogos como Barth, Keesing, Victor Turner, Van Velsen, o próprio Berreman, para citar apenas alguns, têm produzido estudos em que é exatamente o indivíduo o foco de atenção. É claro que em toda sociedade o indivíduo tem maior ou menor margem de opção, mas isso não significa que nas sociedades "flexíveis" essa opção seja ilimitada. Neste ponto, creio haver um equívoco na proposição de Gregor, pois, ao eliminar considerações de estrutura, ele deixou de lado uma importante questão: de que a flexibilidade e elasticidade das relações Mehinaku existem dentro de limites estruturais estabelecidos por sua cultura, limites esses que, estou certa, são dfinidos e definíveis. O próprio conceito de estrutura, em si mesmo, já deve englobar as variações de desempenhos individuais que tanto interessam ao Autor. Abordagens relativamente recentes, como tomada de decisão e análise situacional, dão ênfase ao indivíduo para, através dele, chegar à estrutura e organização da sociedade que os insere. Só assim é que vejo a ênfase em "desempenho" como tendo valor para a antropologia.

Um Último comentário sobre o trabalho de Gregor entre os Mehinaku levanta uma pergunta óbvia: de que modo o etnógrafo conseguiu acesso às áreas "escondidas" da cena Mehinaku, aos seus bastidores, por exemplo, relações extra-maritais, homossexuais, ou como observador dos brinquedos e jogos infantis, tão zelosamente resguardados dos olhos adultos? É verdade que ele se refere à vantagem de sua posição de estranho, portanto, fora do sistema, e não constituindo maiores embaraços para os participantes da cultura. Entretanto, não há dúvida que ele, estranho ou não, fez parte, ao menos, da platéia. Como bem demonstra Berreman no texto acima citado, a presença, ações, participação, interferência do antropólogo exercem influência na vida local e podem ser extremamente reveladoras para o tipo de análise ao qual o Autor se dedicou. Porém, Gregor frustra a curiosidade de seus leitores, não lhes contando os seus "segredos de bastidor". Talvez, quem sabe, estes ainda nos sejam revelados numa próxima oportunidade.